

O LIVRO DE FICÇÃO MAIS VENDIDO
NOS ESTADOS UNIDOS EM 2021

KRISTIN
HANNAH
OS
QUATRO VENTOS



OS
QUATRO VENTOS

Título original: *The Four Winds*

Copyright © 2021 por Visible Ink Corporation
Copyright da tradução © 2022 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Claudio Carina

preparo de originais: Carolina Vaz

revisão: Camila Figueiredo e Rachel Rimas

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Michael Storrings

imagem de capa: Shutterstock – © Anton Medvedev (trigo) e © Vandathai (pó)

imagens de miolo: Mark Taylor Cunningham | Shutterstock (p. 9);

Library of Congress, Prints & Photographs Division,
FSA/OWI Collection (p. 55 e 245); AP Photo | Imageplus (p. 167)

impressão e acabamento: Associação Religiosa Imprensa da Fé

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H219q

Hannah, Kristin, 1960-

Os quatro ventos / Kristin Hannah ; tradução Claudio Carina.

- 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2022.

384 p. ; 23 cm.

Tradução de: The four winds

ISBN 978-65-5565-264-2

1. Romance americano. I. Carina, Claudio. II. Título.

22-75401

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

PRÓLOGO



Esperança é uma moeda que eu levo comigo: um *penny* americano que ganhei de presente de um homem que passei a amar. Em certos momentos da minha jornada, essa moeda e a esperança que ela representava foram as únicas coisas que me fizeram seguir em frente.

Vim para o Oeste em busca de uma vida melhor, mas a pobreza, as dificuldades e a ganância transformaram meu sonho americano em pesadelo. Os últimos anos foram um período de coisas perdidas: empregos, casa, comida.

A terra que amávamos nos traiu, nos deixou alquebrados, todos nós, até os velhos teimosos que falavam sobre o clima e parabenizavam uns aos outros pela abundante colheita de trigo da estação. *Aqui os homens precisam dar duro pra ganhar a vida*, diziam uns aos outros.

“Os homens”.

Sempre os homens. Eles pareciam achar que cozinhar e lavar e criar os filhos e cuidar dos jardins não era nada. Mas nós, as mulheres das Grandes Planícies, também trabalhávamos de sol a sol, labutando nas plantações de trigo até ficarmos tão ressecadas e queimadas quanto a terra que amávamos.

Às vezes, quando fecho os olhos, juro que ainda sinto o gosto do pó...

1921



Maltratar a terra é o mesmo que maltratar os filhos.

– WENDEL BERRY,
AGRICULTOR E POETA

UM



Elsa Wolcott passara anos em uma solidão forçada, lendo aventuras fictícias e imaginando outras vidas. Em seu quarto solitário, rodeada pelos romances que se tornaram seus amigos, ela às vezes se atrevia a sonhar com uma aventura própria, mas só às vezes. Sua família sempre dizia que tinha sido a doença a que sobrevivera na infância que a deixara frágil e solitária, e nos dias bons ela acreditava nisso.

Nos dias ruins, como hoje, ela sabia que sempre fora uma estranha na própria família. Eles perceberam bem cedo que tinha algo errado com Elsa, que ela não se encaixava.

Havia uma dor que acompanhava essa constante decepção. A sensação de ter perdido algo inominável, desconhecido. Elsa sobrevivia a isso se mantendo calada, sem buscar nem exigir atenção, aceitando que era amada mas indesejada. A dor se tornou tão comum que ela raramente a notava. E sabia que não tinha nada a ver com a doença à qual sua rejeição costumava ser atribuída.

Mas agora, sentada na sala em sua poltrona predileta, fechou o livro no colo e pensou a respeito. *A época da inocência* tinha despertado alguma coisa nela, lembrando-a agudamente da passagem do tempo.

No dia seguinte seria seu aniversário.

Faria 25 anos.

Jovem sob quase todos os aspectos. Uma idade em que os homens bebiam gim caseiro, dirigiam descuidadamente, ouviam ragtime e dançavam com mulheres com faixa nos cabelos e vestido franjado.

Para as mulheres, era diferente.

Ao passarem dos 20 anos, a esperança começava a desvanecer. Aos 22, começavam os cochichos na cidade e na igreja, os olhares longos e pesarosos. Aos 25, era a perdição. Uma mulher que não fosse casada era uma solteirona. “Ficou pra titia”, como diziam as pessoas, balançando a cabeça e lamentando as oportunidades perdidas. Em geral, as pessoas conjecturavam sobre o *porquê*, o que havia

transformado uma mulher perfeitamente normal, de boa família, em uma solteirona. No caso de Elsa, porém, todos sabiam. Do jeito descarado que falavam, deviam achar que era surda. *Coitadinha. Magricela como um caniço. Não tem nada da beleza das irmãs.*

Beleza. Elsa sabia que isso era o cerne de tudo. Não era uma mulher atraente. Em seus melhores dias, com seu melhor vestido, um estranho poderia dizer que era elegante, mas nunca mais que isso. Elsa era “muito” tudo: muito alta, muito magra, muito pálida, muito insegura.

Tinha ido ao casamento das duas irmãs. Nenhuma tinha pedido que ficasse no altar, e Elsa entendia. Com pouco mais de 1,80 metro, era mais alta que os noivos. Destoaria nas fotografias, e as aparências eram tudo para os Wolcotts. Seus pais valorizavam as aparências acima de tudo.

Não era preciso ser nenhum gênio para olhar adiante na estrada da vida de Elsa e ver seu futuro. Ela continuaria ali, na casa dos pais na Rock Road, sendo cuidada por Maria, a empregada que sempre trabalhara para sua família. Depois que Maria se aposentasse, Elsa continuaria lá para cuidar dos pais, e depois, quando eles morressem, ficaria sozinha.

E o que teria feito da própria vida? O que marcaria sua passagem por este mundo? Quem se lembraria dela e por que razão?

Fechou os olhos e deixou um sonho conhecido e havia muito acalentado se insinuar de mansinho: imaginou-se vivendo em outro lugar. Numa casa que era dela. Ouvindo risos de crianças. Dos filhos *dela*.

Uma vida, não meramente uma existência. Este era seu sonho: um mundo em que sua vida e suas escolhas não fossem definidas pela febre reumática que contraíra aos 14 anos, uma vida na qual descobria uma força até então desconhecida, em que fosse julgada por algo mais que sua aparência.

A porta se abriu, e sua família entrou na casa com estardalhaço. Eles andavam, como sempre, em um grupo tagarela e sorridente, o pai corpulento na frente, o rosto afogueado pela bebida, as duas lindas irmãs mais novas, Charlotte e Suzanna, ladeando-o como as asas de um cisne, a mãe elegante atrás, conversando com seus belos genros.

O pai parou.

– Elsa – falou. – Por que ainda está acordada?

– Eu queria conversar com vocês.

– A esta hora? – perguntou a mãe. – Você parece corada. Está com febre?

– Há anos não tenho febre, mamãe. A senhora sabe disso.

Elsa se levantou, retorceu as mãos e olhou para a família.

Agora, pensou. Precisava fazer isso. Não podia perder a coragem de novo.

– Papai... – A primeira palavra saiu baixo demais, por isso tentou de novo, projetando a voz: – Papai.

O pai olhou para ela.

– Amanhã faço 25 anos – disse Elsa.

A mãe pareceu irritada em ser lembrada disso.

– Nós sabemos, Elsa.

– Sim, é claro. Eu só queria dizer que tomei uma decisão.

A família ficou em silêncio.

– Eu... Tem uma faculdade em Chicago com um curso de literatura que aceita mulheres. Eu quero...

– Elsinore – interrompeu o pai. – Que necessidade você tem de estudar? Você nem sequer conseguiu terminar a escola por causa da sua doença. Que ideia ridícula.

Era difícil se manter ali de pé, vendo seus fracassos refletidos em tantos olhos. *Lute por si mesma. Seja corajosa.*

– Mas eu já sou adulta, papai. Não fico doente desde os 14 anos. Acho que o médico foi... precipitado no diagnóstico. Eu estou bem. De verdade. Poderia ser professora. Ou escritora...

– Escritora? – repetiu o pai. – Você tem algum talento escondido que todos nós desconhecemos?

O olhar dele a magoou.

– É possível – respondeu ela, numa voz débil.

O pai se virou para a esposa:

– Providencie alguma coisa para sua filha se acalmar.

– Eu não estou histérica, papai.

Elsa sabia que o assunto estava encerrado. Não conseguiria vencer aquela batalha. Deveria ficar quieta e fora de vista, não sair pelo mundo.

– Eu estou bem. Vou para o meu quarto – disse Elsa.

Ela se afastou. Agora que o momento havia passado, ninguém mais olhava para ela. De alguma forma, Elsa desaparecera da sala, dissolvendo-se, como sempre acontecia.

Desejou nunca ter lido *A época da inocência*. O que poderia resultar de bom de todo aquele anseio não expressado? Ela nunca se apaixonaria, nunca teria um filho.

Enquanto subia a escada, ouviu música vindo do andar de baixo. Estavam ouvindo um disco na vitrola, um aparelho novo.

Elsa hesitou.

Desça, puxe uma cadeira.

Fechou a porta do quarto com firmeza, isolando os sons vindos da sala. Sabia que não seria bem-vinda lá.

Viu o próprio reflexo no espelho acima da pia. O rosto pálido parecia ter sido esticado por mãos ineptas, formando um queixo pontudo. Os cabelos compridos, dourados como palha de milho, eram finos e lisos, numa época em que a moda eram os ondulados. A mãe não a deixava usar o corte atual, dizia que ficaria ainda pior curto. Tudo em Elsa era sem cor, desbotado, exceto os olhos azuis.

Acendeu o abajur e tirou da gaveta um de seus mais adorados romances.

Funny Hill: Memórias de uma mulher de prazer.

Elsa se acomodou na cama e se perdeu naquela história escandalosa, sentindo uma necessidade assustadora e pecaminosa de se tocar, à qual quase cedeu. A dor que vinha com as palavras era quase intolerável, a dor física do desejo.

Fechou o livro, sentindo-se agora mais marginalizada que antes. Irrequieta. Insatisfeita.

Se não tomasse uma atitude logo, uma atitude drástica, seu futuro não seria nada diferente do presente. Continuaría naquela casa a vida toda, marcada dia e noite por uma doença que já não tinha havia uma década e por uma falta de atrativos para a qual não havia solução. Jamais conheceria a emoção do toque de um homem ou o aconchego de dividir uma cama. Nunca seguraria um filho nos braços. Nunca teria a própria casa.



Naquela noite, Elsa foi atormentada por anseios. Pela manhã, sabia que precisava fazer alguma coisa para mudar sua vida.

Mas o quê?

Nem todas as mulheres eram lindas, nem mesmo bonitas. Outras haviam tido febre na infância e conseguido levar uma vida satisfatória. Até onde sabia, os problemas do seu coração não passavam de conjecturas médicas. O órgão nunca tinha deixado de bater ou lhe dado motivo real para alarme. Elsa precisava acreditar que tinha garra, mesmo que essa garra nunca tivesse sido testada ou posta em prática. Como poderia saber ao certo? Nunca a deixaram correr, brincar ou dançar. Fora obrigada a sair da escola aos 14 anos, por isso nunca tivera um pretendente. Passara a maior parte da vida no quarto, lendo aventuras fantasiosas, inventando histórias, concluindo sua educação por conta própria.

Devia haver oportunidades no mundo, mas onde as encontraria?

Na biblioteca. Os livros tinham a resposta para todas as perguntas.

Arrumou a cama, foi até a pia, penteou os cabelos louros que chegavam à cintura e fez uma trança, colocou um vestido de crepe azul-marinho, meias de seda e sapatos pretos de salto. Um chapeuzinho, luvas de pelica e uma bolsa complementaram o traje.

Desceu a escada, aliviada em saber que a mãe ainda estaria dormindo àquela hora da manhã. A mãe não gostava que Elsa empreendesse esforços físicos saindo de casa, a não ser nas missas de domingo, quando sempre pedia à congregação que rezasse pela saúde da filha. A jovem tomou uma xícara de café e saiu ao sol de meados de maio.

A cidade de Dalhart, na região de Panhandle, no Texas, se estendia à sua frente, despertando sob um sol brilhante. Portas se abriam nos dois lados da calçada de madeira e placas de FECHADO eram desviradas. Mais além, sob um imenso céu azul, as Grandes Planícies se estendiam a perder de vista, um mar de prósperas plantações.

Dalhart era a sede do condado e os tempos eram de prosperidade. Desde que o trem começara a passar por ali na linha que ia do estado do Kansas ao Novo México, Dalhart tinha crescido. Uma nova torre d'água dominava o horizonte. A Grande Guerra havia transformado aqueles hectares em uma mina de ouro de trigo e milho. *O trigo vencerá a guerra!* era uma frase que ainda enchia os fazendeiros de orgulho. Eles tinham feito sua parte.

O trator havia chegado a tempo de tornar a vida mais fácil, e os anos de boa colheita – com chuvas e preços altos – levaram os agricultores a arar mais terras e plantar mais trigo. A seca de 1908, de que muito falavam os mais velhos, fora quase esquecida. Chovia regularmente havia anos, enriquecendo a todos na cidade, o pai dela mais que qualquer pessoa, pois recebia tanto em dinheiro quanto em promissórias pelos equipamentos agrícolas que vendia.

Naquela manhã, agricultores se reuniam na porta da lanchonete para falar sobre os preços da colheita e mulheres levavam os filhos à escola. Até poucos anos antes, cavalos e charretes ainda percorriam as ruas, mas agora automóveis fumegavam em direção ao futuro dourado e reluzente, buzinando. Dalhart era uma cidade pequena – mas em rápido crescimento –, com reuniões sociais, bailes na praça e missas nas manhãs de domingo. Gente trabalhadora e de mentes parecidas tirando seu sustento da terra e criando uma vida boa.

Elsa seguiu pela passarela que ladeava a Avenida Principal. As tábuas cediam um pouco a cada passo, fazendo-a sentir que balançava. Algumas jardineiras com flores sobre as cornijas das lojas proporcionavam pontos de cor muito necessários. A Liga de Embelezamento da cidade cuidava delas com

muito apreço. Ela passou pelo banco e pela nova loja da Ford. Ainda ficava admirada por uma pessoa poder ir a uma loja, comprar um automóvel e voltar com o veículo para casa no mesmo dia.

Ao seu lado, o mercado abriu e o proprietário, o Sr. Hurst, saiu com uma vassoura na mão. As mangas de sua camisa estavam arregaçadas para mostrar os braços robustos. O nariz na forma de um hidrante, achatado e redondo, chamava a atenção no rosto corado. Era um dos homens mais ricos da cidade, dono do mercado, da lanchonete, da sorveteria e do boticário. Só os Wolcotts moravam na cidade havia mais tempo. Também eram texanos de terceira geração e se orgulhavam disso. O querido avô de Elsa, Walter, se considerara um Texas Ranger até o dia de sua morte.

– Olá, Srta. Wolcott – cumprimentou o lojista, afastando uns poucos fios de cabelo que ainda restavam do rosto vermelho. – Que lindo dia, não é mesmo? Está a caminho da biblioteca?

– Sim – respondeu Elsa. – Para onde mais?

– Recebi uma nova seda vermelha. Avise suas irmãs. Podem dar lindos vestidos. Elsa parou.

Seda vermelha.

Ela nunca tinha usado seda vermelha.

– Posso ver, por favor?

– Ah! É claro. Você pode fazer uma surpresa para elas.

O Sr. Hurst entrou com ela na loja. Para onde quer que olhasse, Elsa via cores: caixas cheias de ervilhas e morangos, pilhas de sabonetes de lavanda, todos embrulhados em papel de seda, sacos de farinha e açúcar, vidros de conservas.

Foi levada por corredores de utensílios de porcelana e jogos de talheres, toalhas de mesa multicoloridas e aventais, até chegar a uma pilha de tecidos. O Sr. Hurst remexeu na pilha e puxou um corte de seda vermelha como rubi.

Elsa tirou as luvas, deixou-as de lado e pegou a seda. Nunca tinha tocado em algo tão suave. E hoje era seu *aniversário*.

– Combina com o tom de pele da Charlotte...

– Eu vou levar – disse Elsa.

Teria inserido uma ênfase indelicada no *Eu*? É provável. O Sr. Hurst a olhou de forma estranha.

Ele embrulhou o tecido em papel pardo, amarrou com um barbante e entregou o pacote a ela.

Elsa já estava saindo quando viu um lenço prateado com miçangas brilhantes. Era exatamente o tipo de coisa que a condessa Olenska poderia usar em *A época da inocência*.



Elsa voltou da biblioteca com a seda vermelha embrulhada em papel apertada contra o peito.

Empurrou para o lado o portão preto lavrado e entrou no mundo da mãe – um jardim aparado e contido que cheirava a rosas e jasmins. No final de um caminho entre as sebes ficava a mansão dos Wolcotts, construída pelo avô logo depois da Guerra Civil, para a mulher que amava.

Elsa sentia saudades do avô todos os dias. Era um homem tempestuoso, dado a beber e discutir, mas sabia amar, amar com abandono. Chorou a morte da esposa durante anos. Era o único Wolcott além de Elsa que adorava ler e quase sempre ficava do lado dela nas desavenças familiares. *Não se preocupe com a morte, Elsa. Preocupe-se com a vida. Seja corajosa.*

Nunca mais ninguém lhe dissera nada parecido, e Elsa sentia falta do avô o tempo todo. Suas histórias sobre os tempos sem lei no Texas, em Laredo, Dallas e Austin, e pelas Grandes Planícies eram suas melhores lembranças.

Ele com certeza teria dito a ela para comprar a seda vermelha.

A mãe tirou os olhos de suas rosas, ergueu a aba do chapéu de sol e perguntou:

– Elsa, por onde você andou?

– Na biblioteca.

– Você deveria ter pedido a seu pai para levá-la. É uma caminhada muito longa para você.

– Eu estou bem, mamãe.

Francamente. Às vezes parecia que eles *queriam* que ela estivesse doente.

Elsa segurou com mais força o pacote do tecido.

– Vá se deitar. O dia vai esquentar. Peça a Maria que prepare uma limonada.

A mãe voltou a cortar as flores, depositando-as num grande cesto de vime.

Elsa se afastou e entrou em casa, protegida do sol. Em dias que prometiam ser quentes, todas as cortinas eram fechadas. Naquela parte da casa, significava muitos dias de penumbra. Ao fechar a porta, ouviu Maria na cozinha, cantando em espanhol.

Elsa se esgueirou pela casa e subiu para seu quarto. Lá, desembalou o papel e contemplou a vibrante seda vermelho-rubi. Não conseguia deixar de tocá-la. A maciez a acalmou, de alguma forma lembrando-a da fita que segurava quando criança enquanto chupava o polegar.

Será que conseguiria fazer aquela maluquice que de repente surgira em sua mente? Começava pela aparência...

Seja corajosa.

Elsa juntou um punhado dos cabelos que chegavam à cintura e cortou-os à altura do queixo. Sentiu-se um pouco maluca, mas continuou cortando até estar com os pés rodeados de grandes mechas louras.

Uma batida na porta a assustou tanto que ela deixou a tesoura cair na penteadeira.

A porta se abriu. A mãe entrou no quarto, viu o cabelo destroçado de Elsa e estancou.

– O que você fez?

– Eu queria...

– Você não vai sair de casa até seu cabelo crescer de novo! O que as pessoas vão dizer?

– As moças agora usam os cabelos curtos, mamãe.

– Não moças jovens e educadas, Elsinore. Vou buscar um chapéu.

– Eu só queria ficar bonita – explicou Elsa.

A expressão de pena nos olhos da mãe foi mais do que Elsa podia suportar.

CONHEÇA OS LIVROS DE KRISTIN HANNAH

Quando você voltar
Amigas para sempre
O Rouxinol
As cores da vida
O caminho para casa
As coisas que fazemos por amor
A grande solidão
Tempo de regresso
Os quatro ventos

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

